



Mutações na Alta Contemporaneidade

Entrevista com Prof. Dr. André Lemos

André Lemos – Universidade Federal da Bahia | Salvador | Bahia | Brasil. E-mail: almlemos@gmail.com | Orcid - <https://orcid.org/0000-0001-9291-6494>

Rodrigo Fontanari – Université Paris Cité | Paris | França. E-mail: fontanari.rodrigo@yahoo.fr | Orcid - <https://orcid.org/0000-0001-8580-3029>

Resumo: Esta entrevista com André Lemos explora as implicações socioculturais do desenvolvimento da Inteligência Artificial (IA), examinando como as tecnologias emergentes moldam e remodelam nossa compreensão da comunicação, cultura e sociedade. Lemos apresenta uma perspectiva refinada sobre a interseção entre IA e cultura humana, destacando as complexidades e as oportunidades que surgem a partir dessa convergência.

Palavras-chave: inteligência artificial; tecnologia; comunicação; cultura.

Abstract: This interview with André Lemos explores the sociocultural implications of Artificial Intelligence (AI) development, examining how emerging technologies shape and reshape our understanding of communication, culture, and society. Lemos offers a nuanced perspective on the intersection of AI and human culture, highlighting the complexities and opportunities arising from this convergence.

Keywords: artificial intelligence; technology; communication; culture.



Resumen: Esta entrevista con André Lemos explora las implicaciones socioculturales del desarrollo de la Inteligencia Artificial (IA), examinando cómo las tecnologías emergentes moldean y remodelan nuestra comprensión de la comunicación, la cultura y la sociedad. Lemos presenta una perspectiva refinada sobre la intersección entre la IA y la cultura humana, destacando las complejidades y oportunidades que surgen a partir de esta convergencia.

Palabras clave: inteligência artificial; tecnologia; comunicação; cultura.

Résumé: Cet entretien avec André Lemos explore les implications socioculturelles du développement de l'intelligence artificielle (IA), tout en examinant comment les technologies émergentes façonnent et remodelent notre compréhension de la communication, de la culture et de la société. André Lemos présente une perspective subtile sur l'intersection entre l'IA et la culture humaine, en mettant en évidence les complexités, les opportunités, qui découlent de cette convergence.

Mots-clés : Intelligence artificielle, Technologie, Communication, Culture.



"o artificial está sempre presente quando falamos do humano. Ou melhor, o humano está sempre envolvido em uma rede complicada de objetos construídos e construtores da nossa humanidade".

André Luiz Martins Lemos é Professor Titular da Faculdade de Comunicação (UFBA) e pesquisador nível 1A do CNPq. Coordenador do Lab 404 – Laboratório de Pesquisa em Mídia Digital, Redes e Espaço, o professor também atua nas áreas de pesquisa: Teoria da comunicação, Teoria Sociológica, Filosofia e Sociologia da Técnica, Cibercultura, Cidade e Tecnologias de Comunicação e Informação. Publicou, entre outros livros e artigos acadêmicos, *A Comunicação das Coisas. Cibercultura e Teoria Ator-Rede*, pela editora Annablume (2013), finalista do Prêmio Jabuti (2014).



Rodrigo Fontanari – “A inteligência artificial não é inteligente” afirma Berry (2018), cientista da computação e professor no Collège de France. A partir dessa afirmação, como podemos compreender a insegurança humana em relação às máquinas inteligentes que emergem na contemporaneidade?

André Lemos - Alguns autores dizem que a inteligência artificial não é nem inteligente, nem artificial. Primeiro porque ela ainda está no nível muito primário do desenvolvimento daquilo que chamamos de inteligência. Por exemplo, a inteligência artificial tem três níveis: a inteligência artificial estreita, a geral e a superinteligência. Estamos ainda no primeiro, que não consegue pensar contextos de maneira complexa, sendo apenas um processamento de informação e de escrita a partir do que já está dado. Portanto, a probabilidade de criar algo novo é pequena. A inteligência artificial geral, dizem, será como a humana e a superinteligência, superior. Alguns afirmam que a geral pode estar entre nós nos próximos 5 ou 10 anos.

Outros autores afirmam que a IA não é artificial porque os humanos estão sempre por trás do processo, seja na criação, na alimentação de dados, no treinamento ou no desenho de modelos. Essa visão da artificialidade é problemática, visto que o que caracteriza o humano é justamente ser resultado de uma relação íntima com os artefatos. Não existem humanos sem artefatos. Nesse sentido, sendo uma relação entre natureza e artefatos, entre *physis* e *techné*, a nossa inteligência é por assim dizer, artificial, fruto de hibridismo com dispositivos os mais diversos. Pensamos através de instrumentos que construímos para ampliar o mundo (desde a escrita até à internet). Portanto, o artificial está sempre presente quando falamos do humano. Ou melhor, o humano está sempre envolvido em uma rede complicada de objetos construídos e construtores da nossa humanidade.

A insegurança faz parte da nossa relação com os objetos técnicos. Quando surgem geram medo e esperança, utopias e distopias. A insegurança é boa, pois nos coloca em um estado de alerta que permite criticá-los e situá-los politicamente. Não é, e nem poderia ser diferente com os novos desenvolvimentos da IA. Estes perturbam áreas sensíveis como a inteligência, o emprego, a educação, a criação. Quando falamos de IA, paira sobre nossas cabeças a possibilidade de uma obsolescência do humano. Para qualificar o debate, seria interessante entender melhor a questão da inteligência e da artificialidade.

Rodrigo Fontanari - Vivemos, sem dúvida, na era da Inteligência artificial (IA), mergulhados em algoritmos, corpos hiperconectados e reconfigurados por novos modos de produção de linguagem como o proposto pelo ChatGPT. Ocorre, indiscutivelmente, uma simbiose entre a realidade humana e a realidade das máquinas. Estaria a criatividade e a capacidade de criação humana fadada a uma submissão aos



novos modelos de linguagem da era IA? Não estaria, essa nova era tecnológica, por refundar a definição de criatividade e de criação?

André Lemos - Como propus na resposta à questão anterior, a criatividade humana está sempre atrelada a dispositivos. Ela só existe materialmente articulada. Outros animais também desenvolvem técnicas, embora não desenvolvam uma "natureculture" (Haraway) complexa como a humana. Arte, o ponto mais alto da criatividade humana, vem da palavra grega "techné", que significa técnica, artefato, artificial. A criatividade se expressa materialmente e materialmente se desenvolve, retornando nos objetos que vão ampliar ainda mais a esfera da ação criativa humana. Tenho a impressão de que com a IA não será diferente. A questão de se a IA pode superar a nossa inteligência, ou criatividade, estaria mal posta se assim colocada. Vejamos, a escrita ampliou nossa expressividade narrativa; a matemática, a lógica, a calculadora e os computadores, o raciocínio abstrato, o telescópio e o microscópio, nossa ideia de espaço. A criatividade e a inteligência expandem-se no e com os artefatos. Essa é a nossa história. Portanto, reconhecer que somos dependentes de artefatos para pensar e criar é, de certa forma, questionar o antropocentrismo. Esquecemos e desvalorizamos, talvez pelo narcisismo, parceiros preciosos: os artefatos. Na maioria das vezes, estamos sempre a repetir coisas, fechados em caixinhas, sendo os processos criativos verdadeiramente inovadores, raros. O que acontecerá com o desenvolvimento da IA? O que a história do desenvolvimento da tecnologia nos mostra é que sempre hipervalorizamos as influências negativas, bem como as positivas e não vemos claramente o devir. É prudente perguntar se, como aconteceu com outros dispositivos, novas formas criativas aparecerão. Que humano emerge dessa nova articulação, assim como foi construído pela escrita, impresso, audiovisual ou digital? É prudente questionar, ético-politicamente, esse novo arranjo sociotécnico, sem simplificar a IA como o "artificial" que macula o "humano", e sem aceitar, como querem as Big Tech, já que o humano é sempre "*fabricatus*"! É importante manter a abertura para o imponderável que poderá resultar em transformação da capacidade humana criativa no futuro e, ao mesmo tempo, criticar os fazedores de futuro que querem tudo vender como novas formas de emancipação. Precisamos estar atentos, sem romantizar a criatividade humana e sem supervalorizar o artefato em prol do comum.

Rodrigo Fontanari - Muito se debateu na edição do Prêmio Jabuti de 2023, a propósito da seleção, dentre os indicados a melhor ilustração, de uma obra feita por inteligência artificial. Essa repercussão se deve ao problema da natureza do processo criativo que envolve essa *poiesis* ou do desconhecimento de uma criatividade artificialmente concebida? Haveria criação na lógica algorítmica dessas máquinas inteligentes?



André Lemos - Eu escrevi um texto sobre essa discussão. Ela me pareceu anacrônica e superficial (ver: <https://andrelemos.substack.com/p/frankenstein>). A obra foi retirada do rol de finalistas do prêmio, sendo acusada de não ser criativa, de não ser arte, ou de poder ter cometido plágio (embora nenhum autor tenha reivindicado a autoria). Foi uma reação simplória e pouco inteligente, ainda mais se tratando da obra "Frankenstein". Perderam uma excelente oportunidade para fazer um bom debate. A imagem da capa foi gerada utilizando recursos de inteligência artificial. O que me parece não ser muito diferente de utilizar um software com IA no computador para corrigir texto, ou propor melhor estruturação das frases, ou usar o Photoshop para corrigir imagens, ou programas de edição de música, por exemplo. Há um trabalho humano-não humano em ação em todas as formas de criatividade. Claro, uma IA pode gerar uma imagem a partir de um banco de dados amplo (como o que se encontra na internet) e alguém simplesmente assinar. Mas não foi o caso, o designer construiu a imagem usando a IA como um instrumento em prol de sua intenção criativa. A IA faz reviver a discussão sobre o papel das tecnologias na produção da arte, criando resistências. A questão parecia superada, mas voltou.

Rodrigo Fontanari - A IA marca a passagem da era da reprodutibilidade técnica à era da criação artificial. Arte e natureza, cópia e criação ganham novos contornos com a aparição das IAs. Poderíamos considerar as imagens produzidas pela IA como obras de arte?

André Lemos - A criação precisa de artefatos para se expressar. Toda a criação é artificial e coletiva, de alguma maneira. O que escrevo aqui passa por muitos autores que li e me influenciaram. Isso não significa copiar ou roubar algo de alguém. Mas precisamos sair dessa dicotomia simplória entre o que é uma criação "natural" (ou humana), ou uma criação artificial. Toda criação humana é imbricada em dispositivos e deve sempre a outros (humanos ou dispositivos) a sua existência. Embora eu esteja fazendo o meu discurso aqui, ele está permeado de outras vozes, há fantasmas ao meu redor. Precisamos entender que só criamos com esses fantasmas e suas materialidades.

Certamente a IA traz desafios pois coloca em xeque, mais uma vez, o referente. Assim, cada vez mais, por respeito ao fruidor, a questão a ser colocada é se precisaremos dizer sempre como um objeto foi gerado. Devemos indicar se uma pintura foi "pintada" ou gerada por códigos em uma máquina usando IA? Ou se uma imagem fotográfica foi captada por uma câmera analógica ou digital, tendo um referente na origem ou por IA? Hoje as imagens feitas por câmeras de celular são mais geração de IA sobre "o que essa imagem deve ser", do que a "re-apresentação" de um referente. Precisaremos dizer se uma música foi feita com IA, ou com outras máquinas e dispositivos aceitos como instrumentos musicais ou computadores? Precisaremos dizer se um livro foi escrito por obra envolvendo um humano, ou gerado automaticamente por IA?



Precisaremos dizer sempre os artefatos utilizados? Talvez o automatismo da IA deva exigir esse cuidado. Mas, seja como for, não nos livramos dos artefatos e suas materialidades no processo criativo.

Rodrigo Fontanari - Desde o século passado, assistimos, sem apreensão, a uma convergência das artes das mídias e, com ela, uma larga apropriação das tecnologias pelos artistas. E “desde o início do século 21, computação, análise de dados e inteligência artificial, gradualmente, entraram no reino estético” (Wolton, 2024, p. 23). Ora, por que essa estranheza e intenso debate sobre criatividade, autoria e originalidade no que toca a emergência da IA generativa?

André Lemos - Eu já respondi essa questão acima. Há uma incompreensão sobre a criatividade, sobre o próprio humano, fruto de uma ideia antropocêntrica, essencialista, do humano como um ente em posse de todas as ferramentas internas para a ação no mundo. Não é verdade. Na realidade, é um ser com uma falta; precisando de outros para existir, não só de humanos, mas de animais e artefatos. É a falta de Epimeteu, como apontou Bernard Stiegler. Esse debate sobre criatividade, autoridade, originalidade, na minha opinião, está defasado. De uma forma ampla, tudo é cópia. Somos atravessados por outros, como apontei acima. O pensamento totalmente original é raríssimo, isso acontece muito pouco. Vamos dando vozes (idiossincrasia) para coisas que são desde já mediadas, vindo de outros. Precisamos reconhecer isso, sair dessa perspectiva idealizada do humano e reconhecer que autoria, originalidade e criatividade são sempre coletivas. Mesmo a noção de indivíduo é, na minha opinião, uma ficção que construímos.

Rodrigo Fontanari - Com a emergência das IAs, estamos face a um avanço tecnológico que provoca transformação não somente no cérebro, mas também em nossos sistemas democráticos. Quais relações podemos estabelecer entre a IA e a proliferação de fake news? Quais são os riscos para democracia do uso da IA na comunicação e manipulação política?

André Lemos - Os riscos para a democracia são muito grandes, principalmente com a desinformação e o deepfake. Estamos vendo o Tribunal Superior Eleitoral buscando formas para proibir o uso de inteligência artificial nas próximas eleições, mas vai ser muito difícil de fiscalizar e de controlar. Vamos ver vozes geradas por inteligência artificial simulando políticos e candidatos, ou mesmo imagens desses candidatos fazendo coisas que não fizeram. Deve haver debate para conscientização, devemos ir em direção a uma regulação, a leis e medidas técnicas para tentar prevenir essa infodemia de desinformação com a inteligência artificial. No entanto, mesmo assim, veremos o aumento das formas de falseamento dos fatos e da informação. A saída será



desconfiar de tudo. Os fatos, o referente, o que ouvimos e vemos pode não existir. Essa crise não é nova, mas a baixa qualidade técnica das cópias nos permitia encontrar brechas para saber que estávamos diante de imagens falsas. Agora, com a inteligência artificial, há ainda problemas, ruídos, mas esses vão ser superados rapidamente. O uso da IA vai ampliar a nossa incapacidade de discernir sobre o real e o fictício em vários níveis. Na política, vamos precisar ter atenção redobrada e um movimento sempre de desconfiança em relação a tudo o que vemos ou ouvimos. Como na política a aderência ideológica e tribal é muito maior do que a capacidade de um cidadão racional pensar sobre as informações que recebe, realmente estamos em maus lençóis. Precisamos de todas essas providências: proteção jurídica, freios técnicos, ação educacional..., mas a solução não é simples.

Rodrigo Fontanari - Gaspar Koenig, filósofo e fundador do think tank Generation Libre, em seu livro "O fim do indivíduo. Viagem de um filósofo à terra da inteligência artificial" [Voyage d'un philosophe au pays de l'intelligence artificielle], publicado por L'Observatoire, analisa o impacto do desenvolvimento da IA no nosso livre arbítrio (Koenig, 2019, tradução nossa). Do deslocamento cotidiano aos modos de comunicação, delegamos nossa capacidade de escolha às máquinas que nos impõem suas escolhas. Haveria espaço ainda para o "direito à errance" do indivíduo? Como mantê-la, mesmo enredados nas tramas algorítmicas da vida contemporânea?

André Lemos - O erro é o imponderável e não temos como ficar imunes a ele. O erro é o que nos salva. O livre arbítrio está sempre entrelaçado nas redes às quais estamos envolvidos (instituições sociais, lugar onde vivemos, artefatos...). Nossa capacidade de escolha sobre o que pensamos, podemos ou devemos fazer é sempre fruto desse entrelaçamento, às vezes limitado pelo "contexto", às vezes circulando de forma a perturbar as estabilizações. A liberdade total não existe. Ela é sempre contingente e em disputa. O desvio, o erro, a falha, a perturbação é o que permite apontar dimensões ético-políticas importantes sobre os entrelaçamentos aos quais estamos envolvidos. É no erro que questões são reveladas e nos ajudam a pensar politicamente. As estabilidades são perturbadas e agentes mobilizadores revelados. Por exemplo, câmeras de reconhecimento facial com inteligência artificial. Elas erram muito. E esse erro é que tem motivado cidades ao redor do mundo a proibirem o uso público desse tipo de dispositivo (São Francisco na Califórnia, por exemplo). Mas a dimensão ético-política não pode ficar refém do erro, porque provavelmente essas câmeras vão parar de cometer vieses. Se assim for, aceitaremos viver numa sociedade em que a cada esquina haverá uma câmera de vigilância com reconhecimento facial por inteligência artificial registrando todos os nossos passos? O erro é sempre a lembrança da nossa dimensão precária. E a precariedade nos coloca em uma posição de crítica e de inconformidade política. Portanto, a dimensão da errância não é um direito, mas a inevitabilidade de uma vida precária. Ela nos permite colocar em questão a dimensão



ético-política dos objetos, seja um carro, uma faca, uma arma ou um sistema de inteligência artificial.

Rodrigo Fontanari - A IA abre novas possibilidades de vigilância. Explodindo as barreiras entre som, imagem e texto, a inteligência artificial tem servido como modo de análise e detecção de comportamentos, reconhecimento facial, leitura de imagens de câmeras de monitoramento. Na China, atualmente, a IA permite uma identificação biométrica a distância em tempo real nos espaços acessíveis ao público. Quais são os riscos para a liberdade dos indivíduos e a fronteira entre vida privada e pública com emergência das IAs e das possibilidades de auxílio no controle da vida quotidiana do cidadão?

André Lemos - Autores têm falado de capitalismo de vigilância ou de dados para descrever essa sociedade de plataforma, que é a sociedade atual. Hoje as plataformas digitais têm um poder gigantesco na constituição das relações sociais, da economia, da cultura, da política. Elas funcionam a partir da captura generalizada de dados (dataficação) que se opera a partir de mecanismos de controle e de vigilância sobre todo tipo de ação rastreável. Estamos numa sociedade de controle e vigilância na qual a IA serve como um complexo sistema militar-industrial.

Se vivemos numa sociedade em que a vigilância e o controle são distribuídos, na qual todo mundo olha a vida de todo mundo em uma espécie de *stalking* generalizado, o que teremos será a ampliação desse sistema pela IA. Deve-se insistir na regulação e fomentar debates sobre quais modelos de sociedade desejamos, criando mecanismos éticos, políticos, legais e técnicos para evitar cair na falácia de que uma sociedade controlada e vigiada é uma sociedade mais segura. A possibilidade de um controle maior sobre a vida cotidiana tende a crescer.

A IA hoje reflete menos a robotização do indivíduo e mais a imagem de uma sociedade já robotizada, controlada e amplamente vigiada. O sociólogo Henri Lefebvre escreveu na década de 1960 o livro "Vers le Cybernanthrope" no qual apontava que o problema não é que os robôs vão substituir e dominar os humanos, mas que os humanos já se comportavam como robôs (Lefebvre, 1969). Em muitas empresas, o trabalho é a aplicação de procedimentos técnicos cada vez mais automatizados. Nesses casos, a IA imitando os humanos, pode substituí-los facilmente, ampliando a eficiência e a produtividade pelo controle e vigilância.

Rodrigo Fontanari - Dominique Wolton, pesquisador do Centre National de la Recherche Scientifique (CRNS) em Ciências da Comunicação e diretor da revista *Hermès*, especialista em mídia, espaço público, comunicação política e de relações entre ciências, técnicas e sociedade, em seu mais recente livro intitulado *Pensar a*



comunicação [Penser l'incommunication], sugere que o desafio atual seria revalorizar a comunicação humana em detrimento da comunicação técnica que invadiu nossas vidas. Para Wolton (2024, p. 24), "na realidade, se instala uma discreta desilusão nas relações entre técnica, informação e comunicação [...] existe uma forma de cansaço no que diz respeito ao progresso tecnológico sem fim [...]". Seria essa percepção da comunicação de Wolton demasiadamente apocalíptica? Se não, o que, afinal, restaria ainda de humano na comunicação nessa era da inteligência artificial que, pelo seu progresso sem fim, acentua essa sensação de fadiga de que nos fala Wolton?

André Lemos - Me afasto da perspectiva antropocêntrica (que não vê nos artefatos objetos que nos constituem), mas concordo com a "incomunicabilidade", que prefiro chamar de comunicação precária. Escrevi um artigo recentemente para a revista Hermes sobre esse tema, investigando a precariedade da cultura digital justamente com a IA, a plataformização da sociedade e as materialidades das infraestruturas digitais. Não acho instrutiva essa perspectiva de que devemos nos afastar da comunicação técnica e voltar para uma comunicação humana para compreender a nossa relação com o mundo. Há aí um erro na definição de técnica e de humano, na minha opinião. Não há comunicação sem a mediação técnica, desde a língua que falamos até os diversos artefatos digitais e a IA. O problema não está aí. Ele está na precariedade de todo e qualquer processo de comunicação. A comunicação é precária, seja numa interrelação face a face, seja numa discussão num chat, seja numa conversa telefônica, seja num texto escrito, num livro. Estamos sempre presos nesta incompreensão do outro, lutando contra as falhas e erros dos sistemas, contra os vieses gerados pelos diversos mediadores. Portanto, o que devemos reconhecer é a precariedade da comunicação, não para resolvê-la, porque não existe comunicação que não seja precária, mas para lidar com essa precariedade para, de novo, como falei anteriormente, desvelar questões ético-políticas importantes. É o que devemos fazer com a IA e as plataformas digitais: apontar os vieses podendo assim questioná-la politicamente. Portanto, acho que devemos reconhecer a precariedade da comunicação e pensar a partir daí em como apontar para questões importantes (nos planos da educação, do trabalho, das artes, do ambiente...). Não seria uma visão apocalíptica, mas situada de todo o processo comunicacional. O interessante é entender a IA nessa comunicação precária que constitui nossa mediação no mundo.

REFERÊNCIAS

BERRY, Gérard. A inteligência artificial não é inteligente. [Entrevista cedida a] Alyosha Wald Lasowski. **L'Express**, França, 12 jul. 2018. Disponível em: https://www.lexpress.fr/sciences-sante/sciences/l-intelligence-artificielle-n-est-pas-intelligente_2024279.html. Acesso em: 13 dez. 2024.



KOENIG, Gaspar. **Voyage d'un philosophe au pays de l'intelligence artificielle**. Paris: L'Observatoire, 2019.

LEFEBVRE, Henri. **Vers le cybernanthrope**. Paris: Denoël, 1969.

WOLTON, Dominique. **Penser l'incommunication**. Lormont: Editions Le Bord de l'eau, 2024.